

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LINGUAGEM.
CURSO DE PEDAGOGIA**

OZANARA MOREIRA HONORIO DOS SANTOS

VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

**Itapetinga/BA
2014**

RESUMO:

Este trabalho é um estudo discursivo sobre a violência no ambiente escolar, procurando compreender os motivos que levam a esse fenômeno e como este interfere no processo do ensino. Também busca entender o fator da violência enquanto fenômeno desencadeado por indivíduos dentro da escola. Ao fazer essa reflexão constata-se a complexidade dos fatos, onde atingem diretamente os valores culturais e morais da sociedade provenientes de problemas familiares e sociais.

Palavras Chaves:

Violência, Escola, Família.

Sumario:

Introdução: -----

Justificativa; -----

Problema; -----

Objetivos: -----

Objetivo geral; -----

Objetivos específicos; -----

Fundamentação Teórica: -----

Análise do Discurso; -----

Nosso “objeto” de Estudo: Violência; -----

Violência no Ambiente Escolar; -----

Família, Cultura e Educação Escola; -----

Metodologia: -----

Referências bibliográficas:- -----

Tema:

Violência no ambiente escolar.

Problema:

Quais os motivos de violência dentro da escola?

Introdução:

A violência no ambiente escolar é um problema que requer a participação efetiva de todos: professores, alunos, gestores, comunidades, família e sociedade.

Este trabalho tem por finalidade desenvolver uma pesquisa sobre violência no ambiente escolar visando analisar discurso que direcionam esse problema para dentro da escola. Portanto nas palavras de Lucinda:

A violência entre alunos constrói-se em torno de duas logicas complementares: de um lado, encenação ritual e iludida de uma violência verbal e física de outro, engajamento pessoal em relação de força, vazias de qualquer conteúdo preciso, exceto o de fundar uma percepção do mundo justamente em termos de relações de forças. Nos dois casos, o que está em jogo é a construção e a auto-reprodução de uma cultura da violência. (LUCINDA, 1999, p. 32)

Os problemas da violência são complexos e nenhuma instituição sozinha poderá resolvê-los, sendo necessário um trabalho em rede, no qual cada instituição dará a sua contribuição. Muitos professores dizem que não possuem qualificação para trabalhar com os jovens agressivos, indisciplinados, ou seja, aqueles alunos que causam muitos transtornos e conflitos na escola. (ARROYO, 2000).

Neste sentido, Arroyo afirma que o conhecimento para lidar com problemas de convivência entre os jovens não é adquirido nas faculdades.

É aprendido no dia a dia, com a infância e a adolescência com a qual trabalhamos. Os educadores têm muito a aprender com a pluralidade de ações pedagógicas dos projetos sociais:

“Esses profissionais aprenderam no convívio com a infância negada e roubada... Foram reeducados pela infância com que convivem. Não por compaixão para a sua barbárie e miséria, mas porque vão descobrindo as outras imagens de resistências múltiplas, de valores e de tentativas. Resistências feitas de brotos de humanismo.” (ARROYO, 2000).

Diante desse problema que se alastra sem controle na sala de aula é preciso buscar reflexões sobre o papel da família, da escola, e de toda a sociedade frente a este problema que se agrava em grande dimensão, tanto a escola quanto os professores precisam entender e exercer o seu papel social, comprometendo-se com a transformação do indivíduo em desenvolvimento.

Este trabalho tem como objetivo abordar a problemática da violência na escola. As reflexões aqui apresentada fazem parte do projeto de pesquisa violência na escola, um análise discursivo, onde serão analisadas falas de membros de uma unidade escolar com característica de violência no seu interior. A escola é uma agencia social, portanto, não estaria fora da problemática da violência que atinge seu interior e apavora sua comunidade.

A comunidade é a forma de viver junto, de modo íntimo, privado e exclusivo. É a forma de se estabelecer relações de troca, necessárias para o ser humano, de uma maneira mais íntima e marcada por contatos primários. As comunidades geralmente são grupos formados por familiares, amigos e vizinhos que possuem um elevado grau de proximidade uns com os outros.

Ao fazer essa reflexão constata-se a complexidade que envolve a problemática da Violência na Escola. Percebe-se que o ambiente escolar esporadicamente tem sido alvo de violências que atingem diretamente os valores culturais da sociedade enquanto reflexo de problemas familiares ou sociais, já que é nesse ambiente que as crianças passam grande parte de seu tempo.

Em termos especificamente institucionais, a ação escolar seria marcada por uma espécie de “reprodução” difusa de efeitos oriundos de outros contextos institucionais molares (a política, a economia, a

família, a mídia etc.), que se fariam refletir no interior das relações escolares. De um modo ou de outro, contudo, a escola e seus atores constitutivos, principalmente o professor, parecem tornar-se reféns de sobredeterminações que em muito lhes ultrapassam, restando-lhes apenas um misto de resignação, desconforto e, inevitavelmente, desincumbência perante os efeitos de violência no cotidiano prático, posto que a gênese do fenômeno e, por extensão, seu manejo teórico-metodológico residiriam fora, ou para além, dos muros escolares. (AQUINO, 1998).

Acredita-se ainda de ser grande importância à percepção da família e da escola no sentido de perceberem a ação de educar como responsabilidade de ambos e que cruzar os braços e esperar que os resultados venham e se conformar com tal situação é o mesmo que concordar que essas crianças sejam apenas mais uma na imensidão, onde não são respeitadas e valorizadas enquanto seres humanos.

É necessário resgatar o papel do professor enquanto educador, para que além de garantir aos seus alunos a possibilidade de uma ascensão profissional, possam também contribuir para torná-los pessoas críticas e conscientes de suas responsabilidades.

O professor imagina que a garantia do seu lugar se dá pela manutenção da ordem, mas a diversidade dos elementos que compõem a sala de aula impede a tranquilidade da permanência nesse lugar. Ao mesmo tempo em que a ordem é necessária, o professor desempenha um papel violento e ambíguo, pois se, de um lado, ele tem a função de estabelecer os limites da realidade, das obrigações e das normas, de outro, ele desencadeia novos dispositivos para que o aluno, ao se diferenciar dele, tenha autonomia sobre o seu próprio aprendizado e sobre sua própria vida. (AQUINO, 1996).

A escola, como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais. Há quem afirme: quanto mais igual, mais fácil de dirigir. A homogeneização é exercida através de os mecanismos disciplinares, ou seja, de atividades que esquadriham tempo, o espaço, o movimento, gestos e atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade. Assim como a escola tem esse poder de dominação que não tolera as diferenças, ela também é recortada por formas de resistência que não se submetem às imposições das normas do dever-se. Compreender essa situação implica aceitar a

escola como um lugar que se expressa numa extrema tensão entre forças antagônicas. (...)

(AQUINO, 1996).

A escola, enquanto espaço tem como objetivo garantir uma boa qualidade de vida, cidadania, entre outros benefícios, sendo necessária uma reflexão crítica acerca das concepções que as professoras apresentam em relação aos seus alunos que sofreram algum tipo de violência tem maior facilidade para lidar e reagir frente a uma agressão, uma vez que a escola é o segundo ambiente de vivencia e socialização da criança, por isso, uma educação pode contribuir para minimizar os casos de violência.

Objetivos:

Objetivo geral:

Verificar os motivos que leva a violência a ficar mais presente no ambiente escolar.

Objetivo específico:

- Investigar as causas da violência na escola.
- Indicar relações agressivas dos alunos na escola.
- Identificar as características sociais dos adolescentes.

II. ASPECTOS TEÓRICOS

II. 1) A Análise do Discurso de tradição francesa (AD)

Este trabalho está fundamentado no quadro do Análise do Discurso.

Etimologicamente a palavra discurso contém em si a ideia de percurso, de correr por, de movimento. O objeto da Análise do Discurso é o discurso, ou seja, ela se interessa por estudar a “língua funcionando para a produção de sentidos”. Isto permite analisar unidades além da frase, ou seja, o texto. (Orlandi, 1999, p.17)

Para visualizar o homem e seu discurso como influenciador ou influenciado por sua história, este campo teórico articula conhecimentos dos campos das Ciências Sociais e do domínio da Linguística, buscando transcendê-los e deslocá-los de seus lugares de saber, forçando-os a refletir sobre:

“[...] o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem” (Orlandi, 1999, p. 16). Ao fazê-lo, a Análise do Discurso relativiza a autonomia do objeto da Linguística, ou seja, a língua como sistema abstrato, fechada nela mesma e impõe-lhe a “ideia” de discurso, que é um objeto sociohistórico e no qual está implícita a intervenção do linguístico. Tampouco considera a história e a sociedade (objeto das Ciências Sociais) como independentes de suas significações, isto é, como se não tivessem perpassadas pela linguagem. Desta forma, a Análise do Discurso busca conceber como a linguagem se materializa na ideologia e como esta última se manifesta na língua.

Análise do discurso é o estudo do uso da língua real, e para definir melhor: Maingueneau (1998, p. 13-14) prefere especificar a análise do discurso como a disciplina que, em vez de proceder a uma análise linguística do texto em si, ou uma análise sociológica ou psicológica de seu contexto, visa articular sua enunciação sobre certo lugar social. Ela está, portanto, relacionada aos gêneros de discurso trabalhados nos setores do espaço social (um café, uma escola, uma loja...) ou aos campos discursivos (político, científico...).

Para se compreender e realizar uma análise do discurso, lembremos, com Orlandi (1999, p. 27), que, como a pergunta inicial é de responsabilidade do pesquisador, é essa responsabilidade que organiza sua relação com o discurso, levando-o à construção de “seu” dispositivo analítico, optando pela mobilização desses ou daqueles conceitos, desse ou daquele procedimento, com os quais ele se compromete na resolução de sua questão. Portanto, sua prática de leitura, seu trabalho com a interpretação, tem a forma de seu dispositivo analítico.

Segundo Pêcheux (1969, p. 62), o estudo da linguagem, que havia de início almejado o estatuto de ciência da expressão e de seus meios, pretendendo tratar de fenômenos de grande dimensão, se curvou à posição que é ainda hoje o lugar da linguística. Mas, como é de regra na história da ciência, a inclinação pela qual a linguística constituiu sua cientificidade deixou a descoberto o terreno que ela estava abandonando, e a questão que a linguística teve que deixar de responder continua a se colocar, motivada por interesses a uns só tempo teóricos e práticos:

O espaço discursivo “[...] são recortes discursivos que o analista isola no interior de um campo discursivo tendo em vista propósitos específicos de análise”. (Brandão, 1986, p.73). Fazer tais recortes requer conhecimento e saber histórico, os quais permitirão levantar hipóteses que poderão ser refutadas ao longo da pesquisa. Maingueneau propõe, ainda, considerar os fundamentos semânticos dos discursos.

Diante desta noção, a formação discursiva se define a partir do interdiscurso e se apresenta, portanto, como um domínio aberto e inconsistente. Por se apresentar deste modo, surge à necessidade de se considerar a “equivalência” entre exterior do discurso e interdiscurso, inscrevendo o interdiscurso no coração mesmo do intradiscurso ou, em outros termos, inscrevendo o Outro no mesmo. A impossibilidade de separar a interação dos discursos de seu funcionamento intradiscurso “[...] decorre do caráter dialógico de todo enunciado do discurso” (Brandão, 1986, p.7).

II. 2) Nosso “objeto” de estudo: violência

A violência pode ser pensada como a expressão subjetiva de um intenso mal – estar interior, como a exteriorização de pulsões que comparecem de modo violento e que o sujeito não consegue simbolizar. A palavra é substituída pela passagem a atos violentos. É a própria radicalidade do desamparo e do mal – estar construtivos da condição humana agindo de forma destrutiva, em relação ao sujeito e a seus semelhantes. Assim, o fenômeno da violência pode ser entendido como um sintoma subjetivo, singular, e também social, pois construído e vivenciado nos laços sociais. Enquanto sintoma constitui um dispositivo usado pelo sujeito para denunciar um estado psíquico de sofrimento. (BLANCHARD- LAVILLE, 2005).

Para Aquino (1998), o modo de pensar a violência no contexto escolar parece seguir duas tônicas, uma de cunho sociologizante, em que ela seria resultado de determinações macroestruturais, e outra com base clínico-psicologizante, que tende a pontificar um diagnóstico de caráter evolutivo, quando não patológico, de quadros ou mesmo personalidades violentas que influenciariam as relações no contexto escolar. Nessas duas correntes, a violência é colocada como um resultado exógeno à prática institucional escolar, ora associada às raízes políticas, econômicas e culturais, ora à estruturação psíquica prévia dos personagens envolvidos. Sendo é importante que:

A escola é grande aliada na luta contra a violência, seja ela a doméstica ou não uma vez que proporciona às crianças e a seus pais instrumentos e habilidades para a negociação de conflitos, além de ter um contato mais próximo com estudantes; assim, tem possibilidades para perceber se alguma coisa não está bem na dinâmica familiar. Percebe-se, porém, que, na maioria dos casos, a escola, além de ter a violência arraigada em sua cultura, não se utiliza de parcerias, deixando crianças e adolescentes à mercê de novas agressões e negligências (PINHEIRO, 2006; COSTA, CARVALHO, BÁRBARA et al, 2007). Winnicott diz que:

A agressividade se mostra de forma bruta, porque a criança vive em função dos desejos e busca prazer e fantasia. Por isso, é comum que diante das frustrações ela reaja de maneira agressiva. Quando a criança chega para a

adolescência se estes impulsos não forem educados ocasionará problemas, pois o jovem se encontra num período de renascimento em um mundo novo e se ele não estiver preparado com as mudanças físicas como psicológicas a agressividade representará um problema. (WINNCONT, 1992).

O professor tem em suas mãos uma função importante a de buscar dentro de si algo que atraia o aluno para escola que é um referencial para sua vida e de ajuda na sua construção.

[...], o modo e as razões de a agressividade se destaca no funcionamento psíquico – gerando delinquência - e o comportamento antissocial na vida adulta constitui um processo que se inicia precocemente e está estreitamente ligado ao desenvolvimento infantil. (KLEIN, 1970, WINNCONT, 1987/1999. In; Souza, 2000).

Situações conflituosas que ocorrem no espaço escolar requerem do professor uma postura diferenciada uma vez que o vínculo estabelecido entre educando e educador favorecerá soluções sendo o professor um modelo de identificação para o aluno.

Mas a identificação não é o único mecanismo envolvido nas relações pedagógicas. As relações estabelecidas na vida escolar fornecem elementos que permitem processos transferenciais se instaurarem com relações parentais como autoridade, afetividade, verticalidade, situação de aprendizagem de conteúdo, habilidades, valores.

Para Freud (1912/ 1996), a transferência é o fenômeno através do qual experiência do passado é revivida no presente com um ar de atualidade. Modelos de relações significativos em especial àqueles experimentados com as figuras parentais, constituem um campo no qual a nova relação se estabelece e desenvolve, fazendo com que o sujeito repita nas relações atuais tais modelos do passado. A tendência a repetir padrões de relacionamentos passados é universal e ocorre em qualquer importante relacionamento.

1.1 Violência no Ambiente Escolar:

Nos espaço escolares, cotidianamente, ocorrem situações de violência entre as crianças e entre os adolescentes. São palavrões, agressões verbais de toda ordem socos, pontapés, puxões, empurrões, tapas, enfim toda forma de agressão física também estão presente.

As crianças entram na sala eufórica. Você se acomoda na mesa enquanto espera que os alunos se sentem, retirem o material da mochila e se acalmem para a aula começar. Nesse meio tempo, um deles grita bem alto: Ô cabeça passa o livro! O outro responde: Peraí, espinha. Em outro canto da sala, um garoto dá um tapinha de leve na nuca do colega. A menina toda produzida logo pela manhã ouve o cumprimento: Fala, metida! Ao lado dela bem quietinha, outro garota escuta lá do fundo da sala. Abre a boca, zumbi! E a classe cai na risada. (CALVACANTE, 2004, p. 58).

A agressividade nas escolas gera indisciplina e conseqüentemente o ensino e a aprendizagem é prejudicada, pois os professores têm dificuldades em estabelecer limites no ambiente escolar e não sabem quando devem intervir nas situações e comportamentos que ocorrem.

A agressividade está presente nos espaço escolar, por isso, a escola pode ser um caminho para a sociedade e para a cidadania, pode se tornar um ambiente de exclusão social.

Porem o ambiente escolar deve ser visto de forma significativa, já que existem diversos métodos para lidar com comportamentos agressivos e modifica-los.

É preciso buscar reflexões sobre o papel da família, da escola e de toda a sociedade frente a este problema que se agrava em grande dimensão, tanto a escola quanto os professores precisam entender e exercer o seu papel social, comprometendo se com a transformação do individuo em desenvolvimento, por isso:

Em virtude de algumas dificuldades familiares em relação à educação, muitos pais erram por falta de limites na educação de seus filhos, sendo extremamente permissivos, não desenvolvem na criança hábitos de obediência e respeito a regras. Desse modo, essas crianças em contexto escolar são muito difíceis de relacionar tanto com os colegas quanto com o pessoal adulto, pois só fazem o que querem e na hora que querem, perturbando o andamento das

atividades para os outros e não conseguindo aprender muitas vezes porque não querem fazer nada que não estejam dispostas. (LOPES, 2000, p. 30).

Os pais, muitas vezes, não tem conhecimento de que a falta de autoridade representa para os filhos, falta de afeto. Dar limites às crianças é dar a elas seguranças.

Quando a criança apresenta sinais de agressividade, é comum pais e educadores acharem estranho, pois o que eles sentem diante de tais situações é dificuldade para lidar com tais comportamentos devido ao fato de entenderem a sua própria agressividade. Por não saberem como lidar com tais comportamentos os pais acabam reprimindo as manifestações agressivas dos filhos. Pode ocorrer também dessa agressividade voltar-se contra o próprio individuo em forma de autoagressão ou autodestruição. Neste sentido Justo explica que: “O professor enquanto um tipo humano representa o espelho no qual o aluno se mira para se reconhecer ou rejeitar as imagens de si e do seu mundo ali refletidas”. (JUSTO, 2004, p. 95).

É tarefa de pais e professores cuidar para que as crianças nunca se vejam diante de uma autoridade tão fraca a ponto de ficarem livres de qualquer controle ou por medo, assumirem elas próprias a autoridade. “A assunção de autoridade provocada por ansiedade significa ditadura, e aqueles que tiveram a experiência de deixar as crianças controlarem seus próprios destinos sabe que o adulto tranquilo é menos cruel, enquanto autoridade do que uma criança poderá se tornar se for sobrecarregada com responsabilidade”. (WINNICOTT, 1999, p.101)

“A educação é o modo como as pessoas, às instituições e as sociedades respondem à chegada daqueles que nascem. A educação é a forma com que o mundo recebe os que nascem”. Responder é abrir-se à interpelação de uma chamada e aceitar uma responsabilidade. Receber é criar um lugar abrir um espaço em que aquele que vem possa habitar pôr-se à disposição daquele que vem, sem pretender reduzi-lo à logica que impera em nossa casa. (LORROSA, 2004, P. 188). A seguir trataremos da questão:

1.2 Família, Cultura e Educação Escola:

A família tem origem de conservação e reprodução da espécie, o conceito envolve questões vinculadas para aspectos sociais que interferiram diretamente na evolução humana. A família sofreu modificações ao longo da história, regulando as interações sociais e preceitos morais e éticos, fomentando leis e normas.

A relação entre família, escola e aluno é importante, principalmente, na maneira como a família de cada aluno se comporta em relação ao seu desempenho escolar, influência os resultados obtidos por crianças e adolescentes, independente de classe social. Uma base sólida, com pais que se interessam e, até mesmo, ajudam na execução das tarefas escolares faz com que os alunos cresçam mais em todos os âmbitos de sua carreira escolar.

Não basta apenas que os pais se preocupem e estejam presentes nas horas de estudos, eles devem também ter a capacidade de percepção para notar quando seu filho não está desempenhando adequadamente em alguma matéria e buscar soluções dentro da escola. . Por isso:

A família se delimita simbolicamente, a partir de um discurso sobre se próprio, que opera como um discurso oficial. Embora cultural instituído, ele comporta uma singularidade. A família constrói sua própria história, ou seu próprio mito, entendido como uma formulação discursiva em que se expressam o significado e a explicação da realidade vivida, com base nos elementos objetiva e subjetivamente acessíveis aos indivíduos na cultura em que vivem. (SARTI. C. A. 2001).

Pensar a família como uma realidade que se constitui pelo discurso sobre si próprio, internalizado pelos sujeitos, é uma forma de buscar uma definição que não se antecipe à realidade da família, mas de si, supondo evidentemente que isso se faz em cultura, dentro, portanto, dos parâmetros coletivos do tempo e do espaço em que vivemos que ordenam as relações de parentesco (entre irmãos, entre pais e filhos e entre marido e mulher). Sabemos que não há realidade humana exterior à cultura, uma vez que os seres humanos se constituem em cultura, portanto, simbolicamente. (SARTI, 1995).

“... a família também é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros ensinantes e as atitudes destes frente às emergências de autoria, se repetidas constantemente, irão determinar a modalidade de aprendizagem dos filhos.” (FERNANDES, 2001, p.42).

Portanto, entende-se que a família deve, sobretudo, se esforçar para estar mais presente em todos os momentos da vida de seus filhos, inclusive, da vida escolar. No entanto, esta presença implica envolvimento, comprometimento e colaboração. O papel dos responsáveis, portanto, é dar continuidade ao trabalho da escola, criando condições para que seus filhos tenham sucesso na sala de aula, assim como na vida fora da escola.

Sendo assim, pode-se afirmar que a família é fundamental na formação cultural e social de qualquer indivíduo visto que, todos fazem parte da mais velha das instituições, que é a FAMÍLIA. Porém, ao tratarmos da família em sua relação com a escola faz-se necessário um estudo sobre o panorama familiar atual, não esquecendo que a família através dos tempos vem passando por um profundo processo de transformação.

O dever da família com o processo de escolaridade e a importância de sua presença no contexto escolar também é reconhecida publicamente através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que traz em seu artigo 1º o seguinte discurso:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996,).

É sabido que a educação constitui uma das componentes fundamentais do processo de socialização de qualquer indivíduo, tendo em vista a integração plena no seu ambiente. A escola não deveria viver sem a família nem a família deviria viver sem a escola. Uma depende da outra, na tentativa de alcançar um maior objetivo, qualquer um que seja, porque um melhor futuro para os alunos é, automaticamente, para toda a sociedade. (PEREIRA, 2008, p. 39).

A escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um campo de ação no qual haverá continuidade da vida afetiva que deverá existir a 100 por cento em casa. É na escola que se deve conscientizar a respeito dos problemas do planeta: destruição do meio ambiente, desvalorização de grupos menos favorecidos economicamente. Na escola deve se falar sobre amizade,

sobre a importância do grupo social, sobre questões afetivas e respeito ao próximo. É de extrema importância o estudo da relação família escola, onde o educador professor se esmera em considerar o educando, não perdendo de vista a globalidade da pessoa, percebendo que, o jovem, quando ingressa na rede escolar, não deixa de ser filho, irmão, amigo. (DIOGO. 1998, p. 47).

Não existe uma forma correta de envolver os pais. A escola deve procurar oferecer um “menu” variado que se adapte às características e necessidades de uma comunidade educativa cada vez mais heterogênea. A intensidade do contato é importante e deve incluir reuniões gerais e o curso a comunidade escrita, mas, sobretudo os encontros a dois. Intensidade e diversidade parecem ser as características mais marcantes dos programas eficazes. (MARQUES, 2001, p. 20).

Nas palavras de Marques (2001), parece caber à escola dar o primeiro passo no sentido de preencher a lacuna existente em termos de comunicação positiva não só entre a escola e a família, mas também entre estas e a comunidade, mas esta comunicação não deverá fazer-se num sentido único, sendo desta forma fundamental que os professores sintam necessidade de ouvir os pais e partilharem com eles algum poder de decisão.

Conforme a análise de Petitat (1994, p. 198), “a escola é uma criação de indivíduos que vivem em sociedade, mas esta criação não é mais do que uma resposta a certas necessidades, a certas condições que favorecem esta invenção”. A instituição escolar mostra-se como instrumento de educação diferenciado das formas básicas existentes, como a família e a comunidade, que se configuram pela fragmentação e assystematização de suas práticas. Ao contrário, a cultura propagada pela instituição escolar apresenta-se com o intuito de produzir e reproduzir uma homogeneidade social, sendo parcialmente determinada por conflitos e por relações de dominação.

Bourdieu (1994) enfatiza que a sociedade de classes se mantém por uma “violência simbólica” que vai além das exclusões produzidas pelo poder econômico, pois o poder das representações simbólicas torna-se um elo mediador entre os interesses da classe dominante e a efetivação da manipulação na vida cotidiana. Sendo assim, no universo escolar, os interesses das classes dominantes não são impostos de forma arbitrária e sim

embutidos no currículo escolar e nas práticas de ensino como necessários e naturais para a ordem e desenvolvimento da sociedade.

Para Nogueira e Nogueira (2002, p. 87):

Formalmente, a escola trataria a todos de modo igual, todos assistiriam às mesmas aulas, seriam submetidos às mesmas formas de avaliação, obedeceriam às mesmas regras e, portanto, supostamente, teriam as mesmas chances. Bourdieu mostra que na verdade, as chances são desiguais. Alguns estariam numa condição mais favorável do que outros para atenderem às exigências, muitas vezes implícitas da escola.

A instituição escolar assume atribuições específicas de todo um contexto histórico-social que lhe impõe finalidades e exigências, além de determinar a condução da transmissão de conhecimentos relevantes. Contudo, de acordo com as considerações de Petitat (1994), a escola colabora não só para reproduzir aspectos de desigualdades e diferenças entre os indivíduos, seja pela classe social, raça, situação econômica, cultural, política ou religiosa, mas também, ao estabelecer suas finalidades, pode promover inovações para a sociedade.

Portanto, o papel que a escola possui na construção dessa parceria é fundamental, devendo considerar a necessidade da família, levando-as a vivenciar situações que lhes possibilitem se sentirem participantes ativos nessa parceria e não apenas meros expectadores. Vale ainda ressaltar que escola e família precisam se unir e juntas procurar entender o que é FAMÍLIA, o que é ESCOLA, como eram vistas anteriormente essas instituições e como é hoje, e ainda procurar, juntas, entender o que é desenvolvimento humano e aprendizagem, como a criança aprende etc., pois como diz ARROYO (2000):

[...] os aprendizes se ajudam uns aos outros a aprender, trocando saberes, vivências, significados, culturas. Trocando questionamentos seus, de seu tempo cultural, trocando incertezas, perguntas, mais do que respostas, talvez, mas trocando. (ARROYO, 2000, p 166).

Sendo assim as responsabilidades da escola hoje vão além de mera transmissora de conhecimento científico. Sua função é muito mais ampla e profunda. Tem como tarefa árdua educar a criança para que ela aprenda a conviver em sociedade, para que tenha uma vida plena e realizada, além de formar o profissional contribuindo assim, para a melhoria da sociedade. De acordo com Torres (2006), uma das funções sociais da escola é preparar o cidadão para o exercício da cidadania vivendo como profissional e cidadão.

Metodologia:

O desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador.

Esse corte define o campo e a dimensão em que o trabalho desenvolver-se-á, isto é, o território a ser mapeado. O trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados. (MANNING. 1979, P. 668).

Para desenvolver um trabalho sobre violência na escola, será necessária uma pesquisa qualitativa, tendo como objetivo conhecer com propriedade a realidade de alguns alunos.

O instrumento semiestruturados de investigação e coleta de dados será focalizando as interações dos discentes durante as atividades. Após a coleta de dados será feita uma análise a partir do referencial teórico do Análise do Discurso e dos conceitos aqui mobilizados.

Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa de campo é uma forma de levantamento de dados no próprio local onde ocorrem os fenômenos, através da observação direta, entrevistas e medidas de opinião.

Referências:

AQUINO, J.G. Confrontos na sala de aula: Uma leitura institucional da relação professor-aluno. São Paulo: Summus, 1996 a.

AQUINO, JG. A violência escolar e a crise da autoridade docente. Cad. CEDES. 1998 (47): 7-19.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagem e auto - imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ARROYO, Miguel G., *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BLANCHARD-LAVILLE, C. B. (2005). *Os professores entre o prazer e o sofrimento*. (Gonçalves, M. S & Sobral, trads. A). São Paulo: Loyola.

BIRMAN, J. (2009). *Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade*. Rio de Janeiro: Record Editora.

BOURDIEU, P. *Poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1994.

BRANDÃO, H. H. N. (1986). *Introdução à análise do discurso* (5a. ed.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96**. Brasília. MEC. 1996.

CALVACANTE, MEIRE. Como lidar com brincadeiras que machucam a alma. Revista Nova Escola. São Paulo, N. 178, p. 58-61, 2004.

JUSTO, José Sterza. A Psicanálise Lacaniana e a Educação. In CARRARA, Kester. (Org.). *Introdução à psicologia da educação*. São Paulo: Avercamp, 2004. (p. 72-107).

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUCINDA, M. C; Nascimento, M. G. GAN DAU, V. M. *Escola e Violência*. Rio de Janeiro: D P & A, 1999.

LOPES, Maria da Gloria. *Jogos na educação: criar, fazer, jogar*. 3. Ed. São Paulo, Cortez, 2000.

NOGUEIRA, C.M.M.; NOGUEIRA, M.A. A Sociologia da educação de Pierre, Bourdieu: limites e contribuições. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.23, n.78, p. 56-78, 2002.

MANNING, Peter K. Metaphors of the field: Varieties of organizational discourse, In *Administrative Science Quarterly*, vol. 24, no 4, December 1979, p. 660-671.

ORLANDI, E. P. (1999). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes.

WINNICOTT, D. W. *Privação e Delinquência*. São Paulo. Editora Martins Fontes. 1999.

PETITAT, A. *Produção da escola, produção da sociedade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SARTI, C. A. (1995). O Valor da Família para os pobres. In I. Ribeiro & A. C. T. Ribeiro (org.). *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira* (P. 131 – 150). São Paulo: LOYOLA.

TORRES, Sueli. **Uma função social da escola**. [www.fundacaoromi.org.br / homesite/news.asp? News =775](http://www.fundacaoromi.org.br/homesite/news.asp?News=775), acesso em 15/10/2008. VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.